# O Despertar de Anna Victoria

Anna Victoria sempre fora uma contradição viva: uma ninfomaníaca virgem. Aos 22 anos, seus desejos eram tão intensos quanto reprimidos. Seus longos cabelos platinados caíam em cascata sobre seus ombros delicados, contrastando com seus olhos cinzas, profundos como um mar em tempestade. Seu corpo era um convite à luxúria; seios redondos e fartos, cujos mamilos cor-de-rosa ficavam eretos ao menor toque, e nádegas generosas, torneadas como se, esculpidas para a devassidão.

Recém-casada com Ricardo, um moreno alto e rico, de olhos verdes e mãos hábeis, Anna finalmente teria a chance de explorar sua sexualidade insaciável. O casamento fora rápido, quase um sonho. Ele, um empresário bem-sucedido, encantado por sua inocência ardente; ela, uma estagiária ingênua, mas com um fogo interno que mal conseguia controlar.

A noite de núpcias foi um ritual de descobertas.

O quarto do hotel, decorado em tons de vinho e ouro, estava iluminado apenas por velas. Ricardo a levou até a cama, seus lábios percorrendo seu pescoço enquanto suas mãos deslizavam pelo vestido de seda.

— Você tem certeza? ele sussurrou, sentindo o corpo dela tremer.

— Eu preciso disso, ela respondeu, a voz rouca de desejo.

Quando ele finalmente a desnudou, o ar gelado do quarto fez seus mamilos endurecerem. Ricardo admirou-a; a curva de sua cintura, a suavidade de suas coxas, o aroma doce e úmido que emanava de sua virilha. Ele a beijou devagar, explorando cada centímetro, até seus lábios encontrarem o clitóris inchado de Anna.

Ela arqueou as costas, gemendo alto quando sua língua a fez estremecer. Suas mãos se agarraram aos lençóis, as unhas cravando no tecido.

— Não pare, por favor — ela suplicou, as coxas tremendo.

Ricardo sorriu, inserindo dois dedos dentro dela, sentindo sua virgindade ceder sob seu toque. O gemido que escapou de Anna foi quase um grito, um misto de dor e prazer. Ele a penetrou lentamente, observando cada reação em seu rosto, até estar completamente dentro dela.

— Você é tão apertada… — ele rosnou, os quadris batendo contra os dela.

Anna nunca imaginara que algo pudesse ser tão intenso. Cada movimento dele a levava mais perto do êxtase, até que seu corpo se contraiu em um orgasmo avassalador. Mas ela queria mais.

— De novo! — ela ordenou, virando-se de quatro, oferecendo-lhe suas nádegas empinadas.

Ricardo não resistiu. Agarrou seus quadris e a penetrou com força, fazendo-a gritar de prazer. Anna nunca mais seria a mesma.

E aquela era apenas a primeira noite.

A madrugada chegava devagar, mas o quarto ainda ardia com o calor dos corpos entrelaçados. Anna estava deitada de bruços, os cabelos platinados espalhados como um véu prateado sobre as almofadas de cetim. Suas nádegas, marcadas levemente pelas mãos firmes de Ricardo, brilhavam sob a luz das velas, ainda úmidas do suor e do desejo.

Ele a observava, deitado ao seu lado, os dedos traçando círculos lentos na curva de sua coluna.

— Você é ainda mais linda assim... completamente entregue — ele murmurou, a voz rouca de prazer.

Ela virou o rosto para ele, os olhos cinzas escuros de luxúria.

— Eu não estou nem perto de satisfeita — respondeu, deslizando a mão pelo corpo dele até sentir o membro já rígido novamente. — Você ainda me deve uma noite inteira.

Ricardo riu, um som baixo e sensual, antes de rolar por cima dela, prendendo seus pulsos contra o colchão.

— Então vamos deixar claro uma coisa — ele sussurrou, os lábios percorrendo sua clavícula. Você é minha esposa agora. E eu vou te devorar até você não conseguir andar amanhã.

Anna arqueou o corpo contra o dele, sentindo a ponta de seu pau pressionando sua entrada já sensível. Ele entrou com um movimento firme, fazendo-a gemer alto, as unhas cravando em suas costas.

— Isso... assim mesmo —  ela sussurrou, as pernas envolvendo seus quadris, puxando-o mais fundo.

Ricardo começou a mover-se em ritmo lento, deliberado, cada embate calculado para esfregar exatamente onde ela mais precisava. Anna sentia o prazer se acumulando de novo, mais intenso desta vez, como uma maré prestes a quebrar.

— Eu quero sentir você gozar dentro de mim —  ela ordenou, os dedos agarrando seus cabelos escuros.

Ele obedeceu, os músculos tensionando, o ritmo acelerando até que seus corpos colidiram em um frenesi de pele, suor e gemidos abafados. Quando o orgasmo a atingiu, Anna gritou, seu corpo convulsando em torno dele, as paredes internas apertando seu membro como um punho úmido. Ricardo segurou seus quadris com força, enterrando-se até o fim e libertando-se dentro dela com um rosnado gutural.

Por um longo momento, os únicos sons no quarto eram a respiração ofegante deles.

Mas Anna não estava pronta para terminar.

Ela deslizou para baixo dele, os lábios encontrando a cabeça ainda pulsante de seu pau, lambendo o próprio prazer dele com uma mistura de inocência e devassidão que o deixou louco.

— Você é insaciável —  ele respirou, os dedos entrelaçando-se em seus cabelos.

Ela sorriu, os olhos brilhando com desafio.

— Você não faz ideia do que ainda vou fazer com você.

E, enquanto a noite se transformava em madrugada, Anna provou que seu apetite sexual era tão infinito quanto sua imaginação.

A luz do amanhecer começava a filtrar-se pelas pesadas cortinas de veludo, pintando o quarto em tons dourados. Anna estava deitada de costas, o corpo ainda tremendo de prazer, os seios avantajados subindo e descendo com a respiração acelerada. Ricardo a observava, admirado não apenas por sua beleza, mas pela fome insaciável que queimava dentro dela.

Ele deslizou a mão pelo seu abdômen, sentindo os arrepios que seu toque provocava.

— Você já experimentou o prazer além do físico? — ele perguntou, a voz um murmúrio sedutor.

Ela virou o rosto para ele, os olhos cinzas refletindo curiosidade e desejo.

— O que você quer dizer?

Ricardo sorriu, puxando-a para sentar-se de pernas cruzadas frente a frente. Suas mãos encontraram as dela, os dedos entrelaçando-se.

— Sexo tântrico não é apenas sobre o corpo... é sobre energia. Sobre conectar-se até a alma tremer.

Anna sentiu um frêmito percorrer sua espinha. Ela sempre desejara algo mais profundo, algo que saciasse não apenas sua carne, mas o vazio ardente em seu espírito.

Ele inclinou-se para frente, os lábios quase tocando os dela, mas sem permitir o contato. O ar entre eles ficou carregado, elétrico.

— Feche os olhos. — ele ordenou suavemente. — E sinta.

Sua mão desceu pelo pescoço dela, traçando círculos lentos até encontrar o vale entre seus seios. Anna suspirou, cada toque como uma chama percorrendo sua pele. Quando seus dedos encontraram seus mamilos, já duros de excitação, ele não os apertou, apenas os acariciou com uma leveza quase dolorosa, fazendo-a gemer de frustração e prazer.

— Ricardo… — ela suplicou, os quadris movendo-se involuntariamente.

— Não tenha pressa — ele sussurrou. — O verdadeiro êxtase está na espera.

Ele a deitou novamente, posicionando-se entre suas pernas, mas sem penetrá-la. Em vez disso, seus corpos alinharam-se, o membro rígido de Ricardo pressionando seu clitóris inchado, mas sem entrar. Ele começou a mover-se em círculos lentos, friccionando-se contra ela, construindo uma tensão quase insuportável.

Anna arqueou as costas, os dedos agarrando os lençóis.

— Por favor...

— Olhe nos meus olhos — ele ordenou.

Quando suas pupilas se encontraram, Anna sentiu algo diferente, uma corrente de energia percorrendo-os, como se suas almas estivessem se fundindo. O movimento de Ricardo continuou,

lento e deliberado, cada rotação de seus quadris enviando ondas de prazer que pareciam vir de algum lugar além do físico.

E então, sem aviso, ele finalmente a penetrou, mas não com a fúria da noite anterior, era uma conexão profunda, íntima, seus corpos movendo-se em uníssono como se fossem um só. Anna sentiu o orgasmo se aproximando, não como uma explosão, mas como uma maré infinita, subindo devagar, envolvendo cada fibra do seu ser.

Quando finalmente chegou, foi diferente de tudo que ela já experimentara, não um pico passageiro, mas uma expansão de êxtase que parecia durar eternidades. Seu corpo tremia, não de contrações violentas, mas de ondas suaves e intermináveis de prazer.

Ricardo segurou-a contra seu peito, seus corpos ainda unidos, enquanto ela chorava de êxtase.

— Isso é só o começo — ele prometeu, os lábios encontrando os dela em um beijo que selava não apenas seus corpos, mas suas almas.

E Anna soube, então, que sua jornada de prazer estava apenas começando.

O sol da manhã derramava-se sobre os corpos entrelaçados, revelando cada gota de suor, cada marca de unhas na pele, cada vestígio da noite de fogo que haviam compartilhado. Anna esticou-se como um gato satisfeito, sentindo o peso de Ricardo

ainda entre suas pernas, seu membro semi-rígido repousando contra sua coxa úmida.

Ele acordou com seus dedos brincando nos pelos pubianos, os olhos verdes escurecendo de desejo ao vê-la tão descaradamente exibida.

— Alguém acordou com fome… — ele rosnou, prendendo seu pulso e levando seus dedos à boca para chupá-los lentamente, saboreando o próprio sabor dela.

Anna gemeu, esfregando-se contra ele.

— Faminta. — ela concordou, os olhos ardendo. — E você vai me alimentar.

Empurrando-o de costas, ela desceu como uma predadora, seus seios pesados balançando tentadoramente. Sua boca encontrou primeiro o peito masculino, a língua circulando um mamilo enquanto as mãos exploravam os músculos definidos de seu abdômen. Ricardo respirou fundo quando seus dentes roçaram levemente no quadril, seguindo o traço de pelos que levava ao seu tesouro pulsante.

Ela beijou a cabeça inchada de seu membro, envolvendo os lábios em um sorriso malicioso antes de mergulhar fundo, engolindo-o até a garganta. Seus dedos apertaram suas bolas enquanto a cabeça movia-se em ritmo hipnótico, a saliva escorrendo pelos lados.

— Deus, essa boca… — ele gemeu, os dedos entrelaçando-se em seus cabelos platinados.

Anna acelerou, criando um vácuo perfeito, até senti-lo endurecer completamente. Então parou subitamente, deixando-o suspirar de frustração.

— Não tão rápido, amor — ela sussurrou, subindo para montá-lo.

Posicionando-se sobre ele, Anna guiou sua entrada com uma mão enquanto a outra apertava os próprios seios. Ela afundou lentamente, os músculos internos se ajustando à sua espessura, até que suas nádegas repousassem completamente sobre seus quadris.

— Você me preenche tão perfeitamente… — ela suspirou, começando a mover-se em círculos sensuais.

Ricardo agarrou seus quadris, ajudando no ritmo, mas permitindo que ela controlasse cada centímetro. Seus olhos percorreram seu corpo - os mamilos rosados endurecidos, o suor escorrendo entre seus seios, o brilho úmido onde eles se conectavam.

Quando os movimentos se tornaram mais frenéticos, Anna inclinou-se para trás, suas mãos apoiadas em suas coxas, oferecendo-se completamente à sua visão. O som úmido de seus corpos se encontrando enchia o quarto, misturado aos gemidos roucos dela.

— Eu quero sentir você de novo — ela ordenou, os músculos internos contraindo-o deliberadamente.

Ricardo sentiu a pressão crescer na base da espinha. Com um rosnado, ele virou-os, sem nunca se desconectar, e começou a empurrar com força, cada investida acertando profundamente

seu ponto mais sensível. Anna gritou, as unhas cravando em suas costas, as pernas envolvendo sua cintura.

Quando a onda de prazer finalmente a atingiu, foi como ser eletrocutada. Seu corpo arqueou violentamente, os seios tremendo, a boca aberta em um grito silencioso. Ricardo segurou-a através das convulsões, prolongando seu orgasmo com empurrões precisos, até que seu próprio prazer explodiu em jorros quentes dentro dela.

Ele desabou sobre seu corpo, ainda pulsando dentro de sua carne macia. Anna acariciou suas costas suadas, sentindo seu coração acelerado contra o seu.

— Isso foi… — ela começou, sem fôlego.

— Apenas o café da manhã — ele completou, mordiscando seu ombro. — Espere até ver o que tenho planejado para o almoço.

E enquanto o sol continuava a subir, banhando seus corpos satisfeitos em luz dourada, Anna sorriu - finalmente compreendendo que seu vício por prazer não era uma maldição, mas um dom. E Ricardo estava mais do que disposto a adorá-la em seu altar particular de carne e desejo.

O aroma de frutas tropicais e champanhe flutuava no ar do terraço privativo do hotel, onde Ricardo havia ordenado que preparassem um banquete só para eles. Anna estava deitada nua sobre uma pele de veludo, seu corpo dourado pelo sol da tarde, os cabelos platinados espalhados como seda sobre o

tecido. Um colar de morangos repousava entre seus seios, e ela colhia um deles com os dentes, os olhos cinzas fixos em Ricardo, que a observava com desejo incontrolável.

— Você está me devorando com os olhos — ela riu, lambendo o suco da fruta que escorria pelo seu mamilo.

Ricardo aproximou-se, vestindo apenas um roupão de seda aberto que mal escondia sua ereção já renascida.

— É porque você é um banquete, minha deusa — ele respondeu, ajoelhando-se ao seu lado.

Ele começou a explorar seu corpo com a boca, seguindo o rastro do suco de morango que escorrera entre seus seios. Sua língua era lenta e meticulosa, lambendo cada gota doce antes de prender um mamilo entre os dentes, fazendo-a arquejar. Anna soltou um gemido baixo quando suas mãos desceram até suas coxas, abrindo-a como se fosse a página mais preciosa de um livro sagrado.

— Ricardo… — ela suspirou, os dedos se enterrando em seus cabelos escuros.

Ele não a deixou terminar. Em vez disso, enterrou o rosto em sua virilha, sua língua traçando o caminho úmido entre seus lábios inchados. Anna gritou quando ele encontrou seu clitóris, sugando-o com uma precisão que a fez ver estrelas. Seus quadris levantaram-se do veludo, buscando mais pressão, mais fricção, mais dele.

Quando ela estava à beira do orgasmo, ele parou, deixando-a suspirar de frustração.

— Não. —  ele ordenou, virando-a de quatro. — Dessa vez, você vai me pedir.

Anna engoliu seco, sentindo a ponta de seu membro pressionando sua entrada já encharcada.

— Por favor! —  ela implorou, empinando-se ainda mais. — Eu preciso de você dentro de mim.

Ele a penetrou com um único movimento fluido, fazendo-a gritar. Seus seios balançavam livremente com cada embate, os mamilos roçando no veludo, aumentando a sensação. Ricardo segurava seus quadris com força, seus dedos deixando marcas na pele macia, enquanto seu ritmo se tornava cada vez mais selvagem.

— Você é minha —  ele rosnou, as palavras saindo entre os dentes cerrados.  — Só minha.

Anna concordou com um gemido, sentindo o orgasmo se aproximando como um trem desgovernado. Quando ele alcançou profundamente e encontrou aquele ponto perfeito dentro dela, ela explodiu, seu corpo tremendo incontrolavelmente, os músculos internos contraindo-o como um punho.

Ricardo segurou-a através do turbilhão, prolongando cada onda de prazer com empurrões precisos, até que não pôde mais segurar seu próprio clímax. Com um rugido, ele esvaziou-se dentro dela, seu corpo suado colapsando sobre o dela.

Eles ficaram entrelaçados por um longo momento, apenas respirando, o cheiro do sexo e das frutas doces misturando-se no

ar quente. Anna virou-se para enfrentá-lo, seus olhos cinzas agora macios, satisfeitos.

— Nunca imaginei que seria assim — ela admitiu, os dedos traçando seu queixo.

Ricardo sorriu, beijando sua testa suada.

— E isso é só o começo, minha ninfeta — ele prometeu. — Amanhã, te levo para Paris. E lá, vou te ensinar o que é prazer verdadeiro.

E enquanto o sol se punha, pintando o céu de rosa e dourado, eles se perderam novamente um no outro, explorando cada centímetro de pele, cada suspiro, cada gemido. Porque para Anna, o verdadeiro casamento não tinha sido apenas uma troca de alianças - tinha sido uma descoberta infinita de prazer, e Ricardo era o único homem capaz de acompanhá-la nessa jornada. Anna riu, seu coração batendo forte no peito.

O jato particular de Ricardo cortava as nuvens enquanto Anna observava o céu rosado do amanhecer pela janela. Vestida apenas em um teddy de renda negra que mal cobria seus seios generosos e o véu úmido entre suas coxas, ela sentia o olhar ardente do marido queimando sua pele.

— Você me olha como se eu fosse seu jantar. — ela provocou, lambendo os lábios lentamente.

Ricardo soltou o cinto e se aproximou com passos felinos, seus dedos morenos contrastando com sua pele leitosa ao deslizar pelas alças de renda.

— Não apenas jantar, meu amor. —  ele respondeu, mordiscando seu ombro. — O banquete completo.

Com um movimento fluido, ele a virou contra a janela, suas mãos moldando seus quadris perfeitos. Anna ofegou quando sentiu seu membro pulsante roçar nas suas costas.

— O que você…?

A pergunta morreu em seus lábios quando ele puxou o tecido rendado para o lado, revelando seu sexo inchado. Dois dedos mergulharam sem cerimônia em sua umidade, fazendo-a arquear contra o vidro frio.

— Quero você molhada quando pousarmos. —  ele rosnou no seu ouvido, os dedos movendo-se em círculos cruéis. — Para que todos em Paris saibam que você é minha esposa devassa.

Anna gemeu alto quando seus dedos encontraram o ponto perfeito, seu reflexo na janela mostrando o rubor que subia de seus seios até o rosto. O orgasmo a atingiu como um raio, suas pernas tremendo enquanto ele a segurava de pé.

O hotel em Paris era um palácio de mármore e ouro, mas a verdadeira obra de arte estava deitada na cama king-size, envolta em seda vermelha. Ricardo beijava a parte interna de suas coxas, saboreando o próprio sabor dela misturado com o sal do mar Egeu da banheira de hidromassagem.

— Você prova como o pecado. — ele murmurou, prendendo seu clitóris entre os dentes.

Anna gritou, seus dedos se enterrando nos lençóis caros quando ele começou a técnica que aprendera com uma cortesã em

Xangai - língua ondulante combinada com dedos em movimento de "vem cá". Seu corpo arqueou da cama quando o segundo orgasmo explodiu, mais intenso que o primeiro.

Ricardo finalmente a penetrou na varanda aberta, os fogos de artifício do Trocadéro iluminando seus corpos entrelaçados. Cada investida era calculada para esfregar seu ponto G, enquanto suas mãos apertavam seus seios com força quase dolorosa.

— Olhe para eles — ele ordenou, virando seu rosto para os turistas abaixo. — Todos desejando estar no meu lugar.

A mistura de exibicionismo e dominação levou Anna ao êxtase mais intenso de sua vida. Quando Ricardo finalmente a marcou por dentro, seus gritos ecoaram sobre o Sena, um canto primal de posse e submissão.

Envolta em um casaco de pele sobre a pele nua, Anna bebia champanhe direto da garrafa enquanto Ricardo desenhava círculos úmidos em seu pescoço.

— Amanhã — ele prometeu, a mão deslizando sob o casaco para apertar sua coxa. Te levo àquele bordel secreto que mencionei. Onde você poderá experimentar... outras coisas.

Seus olhos cinzas brilharam com antecipação. Paris seria testemunha de como uma ninfomaníaca virgem se transformava na rainha do prazer - um conto erótico que apenas começava.

A madrugada parisiense envolvia o quarto do hotel em sombras azuis, apenas cortadas pela luz dourada dos candelabros. Anna estava sentada na borda da cama, o corpo ainda tremendo dos

excessos da noite, os cabelos platinados desgrenhados sobre os ombros nus. Ricardo aproximou-se por trás, suas mãos morenas deslizando por seus seios, mas ela prendeu seus pulsos com uma firmeza que o surpreendeu.

— Não quero ir ao bordel — ela disse, a voz suave mas inegociável.

Ricardo hesitou, seus olhos verdes escurecendo de desejo e curiosidade.

— Por quê? — ele perguntou, os dedos traçando círculos em seus mamilos, tentando provocá-la.

Anna virou-se para enfrentá-lo, seus olhos cinzas ardendo com uma chama que ele nunca vira antes.

— Porque você me basta — ela respondeu, empurrando-o contra os lençóis de seda.

Antes que ele pudesse reagir, Anna montou-o com uma ferocidade que o deixou sem fôlego. Seu corpo, banhado no suor da noite anterior, movia-se com uma graça selvagem, cada rotação dos quadris calculada para esfregar seu clitóris contra o osso púbico dele.

— Você quer me compartilhar? — ela sussurrou, inclinando-se para frente até que seus seios pesados roçassem em seu peito. — Quando nem mesmo consegue me satisfazer sozinho?

Ricardo gemeu, e suas mãos agarrando suas nádegas com força, mas ela prendeu seus pulsos contra o travesseiro.

— Não. — ela ordenou. — Hoje, você me obedece.

Movendo-se com uma lentidão excruciante, Anna elevou-se até a ponta de seu membro pulsante, deixando-o sentir cada centímetro de sua descida. Seus músculos internos apertavam-no como um punho úmido, cada contração deliberada fazendo-o rosnar de frustração.

— Anna — ele suplicou, os quadris tentando empurrar para cima.

Ela sorriu, prendendo-o ainda mais forte.

— Quero ver você perder o controle — ela respondeu, começando um movimento de círculos lentos que o deixou louco. — Quero você implorando.

Quando Ricardo finalmente quebrou, gritando seu nome enquanto jorrava dentro dela, Anna manteve o ritmo, prolongando seu orgasmo até as lágrimas escorrerem por seu rosto. Só então ela permitiu seu próprio clímax, um tremor silencioso que a fez desabar sobre seu peito.

Nos momentos seguintes, enquanto a respiração deles se acalmava, Ricardo envolveu-a em seus braços com uma reverência nova.

— Nunca vou sugerir o bordel novamente — ele prometeu, beijando sua testa suada.

Anna sorriu, satisfeita. Ela não precisava de um harém, precisava apenas do homem que finalmente entendera que seu verdadeiro prazer estava não na quantidade, mas na profundidade de cada gemido, cada toque, cada suspiro compartilhado.

E Paris, testemunha silenciosa, guardaria seus segredos enquanto eles continuavam sua dança eterna, dois amantes que

descobriram que o verdadeiro êxtase reside na intimidade, não na multidão.

A luz do meio-dia filtrada pelas pesadas cortinas de veludo do hotel parisiense desenhava padrões dourados sobre a pele nua de Anna. Ela estava deitada de bruços, os seios pesados pressionados contra os lençóis de seda, suas nádegas arredondadas exibindo ainda as marcas vermelhas das mãos de Ricardo da noite anterior. O cheiro do sexo ainda pairava no ar, misturado com o aroma do café da manhã abandonado na mesa de mármore.

Ricardo entrou no quarto vestindo apenas um roupão de seda aberto, seu corpo musculoso à mostra, o membro já semi-ereto sob o tecido fino. Seus olhos verdes escureceram ao ver Anna se esticar como um gato, exibindo-se deliberadamente para ele.

— Parece que alguém acordou com saudades — ele murmurou, aproximando-se da cama com passos lentos.

Anna virou-se de costas, abrindo as pernas num convite obsceno, seus dedos traçando círculos lentos nos lábios inchados de seu sexo.

— Saudades dessa língua maravilhosa — ela respondeu, a voz rouca de desejo.

Ricardo caiu de joelhos entre suas pernas, suas mãos agarrando suas coxas com força enquanto ele mergulhava no seu úmido paraíso. Sua língua era um instrumento de tortura divina - lamber

devagar a fenda inteira antes de focar no clitóris inchado, sugando-o entre os lábios enquanto seus dedos penetravam sua entrada latejante.

Anna arqueou as costas, os seios balançando com cada movimento, os mamilos durinhos roçando na seda dos lençóis.

— Assim... oh Deus, assim mesmo — ela gemeu, os dedos se enterrando em seus cabelos escuros.

Ele alternava entre sugar seu clitóris e soprar levemente na pele molhada, fazendo-a tremer. Quando inseriu dois dedos em curva, acertando exatamente aquele ponto interno que a fazia ver estrelas, Anna gritou, seu orgasmo explodindo como ondas contra um penhasco.

Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Ricardo virou-a de quatro, sua mão forte prendendo a nuca dela contra o colchão.

— Hoje você vai aprender o verdadeiro significado de paciência. — ele rosnou em seu ouvido, seu membro pulsante roçando em sua entrada.

Ele penetrou-a com um único movimento fluido, preenchendo-a completamente. Anna gritou, os músculos internos se contraindo em torno dele como um punho úmido. Ricardo começou um ritmo lento e profundo, cada embate calculado para esfregar naquele ponto perfeito dentro dela.

— *Você sente?* — ele perguntou, mordendo seu ombro. — Sente como você me pertence?

Anna só conseguia gemer em resposta, seu corpo tremendo sob o dele.

Quando ele finalmente permitiu que ela se virasse, seus olhos estavam cheios de lágrimas de prazer. Ricardo beijou cada uma delas antes de posicionar-se sobre ela, entrelaçando seus dedos com os dela.

— Olhe para mim —  ele ordenou. — Quero ver seus olhos quando você cair.

Seus quadris começaram um movimento implacável, mais rápido agora, mais forte. Anna via o próprio reflexo nos olhos verdes dele - uma deusa do prazer, cabelos platinados espalhados como um halo, lábios inchados de tanto gemer.

Quando o orgasmo a atingiu, foi como ser atingida por um raio. Seu corpo arqueou violentamente, os músculos internos contraindo-se em ondas intermináveis em torno do membro dele. Ricardo segurou-a através do turbilhão, prolongando cada espasmo com empurrões precisos, até que seu próprio prazer explodiu em jorros quentes dentro dela.

Eles ficaram entrelaçados por longos minutos, apenas respirando. Ricardo traçava círculos lentos em suas costas suadas, beijando seu pescoço com uma ternura que contrastava com a fúria de minutos antes.

Anna sorriu, satisfeita, sabendo que esta era apenas mais uma página em seu livro infinito de prazer - um livro que eles escreveriam juntos, a dois, sem precisar de mais ninguém.

A suíte presidencial do hotel escondia um santuário de mármore negro – uma banheira colossal, grande o suficiente para dois

corpos entrelaçados, iluminada por velas flutuantes que lançavam reflexos dourados na água turva de óleos essenciais. Anna mergulhava os dedos dos pés primeiro, testando a temperatura perfeita, seu corpo ainda marcado pelas possessões da noite reluzindo à luz das chamas.

Ricardo observava de pé, seu membro já em plena ereção, os olhos verdes escurecidos de desejo enquanto ela deslizava para dentro da água como uma sereia.

— Vem me lavar, marido! — ela ordenou, molhando os seios generosos, os mamilos cor-de-rosa endurecendo sob seus próprios dedos.

Ele entrou na água com movimentos felinos, as gotas escorrendo por seus músculos definidos. Quando suas mãos encontraram o sabonete francês de lavanda, Anna girou de costas, oferecendo os ombros.

— Mais firme — ela murmurou, arqueando o pescoço quando suas mãos desceram em movimentos circulares.

Ricardo aproveitou para morder suavemente a junção entre pescoço e ombro, enquanto seus dedos ensaboados escorregavam pelas laterais de seus seios, evitando deliberadamente os mamilos. Anna gemeu de frustração, esfregando as coxas uma na outra sob a água turva.

Num movimento rápido, ela virou-se e empurrou-o contra a borda de mármore, tomando o sabonete de suas mãos.

— Minha vez — sussurrou, deslizando a barra cremosa por seu peito, até a água espumar em torno de seu abdômen definido.

Seus dedos brincaram com os pelos pubianos antes de envolverem seu membro pulsante, ensaboando cada centímetro com movimentos torturantemente lentos. Quando seu polegar pressionou a cabeça já lubrificada de pré-gozo, Ricardo rosnou, suas mãos agarrando as bordas da banheira com força.

— Anna...

— Silêncio —  ela ordenou, mergulhando subitamente sob a água.

Sob a superfície turva, seus lábios envolveram-no com perfeição, a língua traçando a veia saliente enquanto suas mãos massageavam suas bolas. Ricardo arqueou as costas, os músculos tensionando quando ela criou um vácuo perfeito com a boca.

Quando emergiu para respirar, os cabelos platinados colados em seu rosto corado, Ricardo a puxou para um beijo salgado, suas mãos agarrando suas nádegas aquáticas.

— Você vai me pagar por isso —  prometeu, virando-a de costas contra seu peito.

Seus dedos encontraram seu clitóris inchado sob a água, massageando com a mesma pressão que ela usara nele. Anna gritou, sua cabeça recostando em seu ombro, as pernas abrindo-se involuntariamente.

Quando ele a penetrou por trás, a água transbordou da banheira, espumando em torno de seus corpos unidos. Cada movimento era amplificado pela resistência líquida, criando uma fricção

celestial. Anna podia sentir cada veia dele dentro de si, cada pulso de prazer enquanto eles se moviam em sincronia.

O orgasmo os atingiu como uma onda – primeiro ela, contraindo-se em torno dele com espasmos que fizeram a água espirrar no chão de mármore. Depois Ricardo, enterrando-se até o fim com um rugido, seu corpo curvado sobre o dela como um arco tenso.

Quando a última onda de prazer passou, eles permaneceram entrelaçados na água agora morna, a respiração aos poucos normalizando. Ricardo beijou seu ombro marcado por seus dentes, saboreando a mistura de suor, óleos e sexo.

— Amanhã — ele prometeu entre beijos — te ensino o verdadeiro significado de 'toalha turca'.

Anna riu, o som ecoando no espaço úmido, sabendo que nem mesmo as águas do Sena poderiam lavar away as marcas que deixavam um no outro – marcas de posse, de prazer, de um amor tão profundo quanto os segredos que Paris guardava em suas ruas sombrias.

A lua cheia pendia sobre os jardins de Versalhes como um lustre de prata, iluminando os caminhos de cascalho onde Anna e Ricardo vagavam, fingindo ser apenas mais um casal de turistas. Ela usava apenas um vestido de seda preta tão fino que os mamilos rosados ficavam visíveis sob o tecido, e nenhuma roupa íntima - uma decisão calculada que fazia Ricardo enlouquecer desde o jantar.

— Aqui —  ele murmurou, puxando-a para um bosque isolado, onde a sombra dos arbustos topiários escondia um banco de mármore antigo.

O ar noturno era fresco, mas Anna só sentia o calor do corpo dele quando ele a empinou contra o banco gelado, suas mãos levantando o vestido para revelar as nádegas perfeitas, já marcadas levemente por suas palmadas anteriores.

Ricardo ajoelhou-se, sua respiração quente contra a pele sensível de suas coxas internas enquanto ele abria suas nádegas com os polegares.

— Você está tremendo —  ele observou, lambendo devagar o caminho desde seu clitóris pulsante até o pequeno orifício tenso.

Anna engoliu um gemido quando sua língua insistente começou a relaxá-la, alternando entre círculos apertados e pressão linear. Seus dedos brincavam com sua umidade, espalhando-a para trás, misturando com a saliva até que ela estivesse completamente lubrificada.

— Por favor —  ela suplicou, os dedos se agarrando ao mármore gelado.

O primeiro centímetro de sua entrada foi uma mistura de dor e êxtase. Ricardo segurou seus quadris com firmeza, avançando milímetro por milímetro, até estar completamente dentro de seu calor apertado.

— Meu Deus, você é perfeita —  ele rosnou, parando para deixá-la se ajustar.

Quando começou a mover-se, foi com uma lentidão excruciante - cada retirada quase completa antes de mergulhar novamente até o fim. Anna mordeu o próprio braço para abafar os gemidos, sentindo como cada movimento dele esfregava indiretamente em seu clitóris através da parede fina que os separava.

Foi quando ele deslizou uma mão para frente e começou a massagear seu clitóris inchado que o mundo explodiu. Seu orgasmo veio como um roubo - violento, inesperado, arrancando-lhe um grito abafado que ecoou entre as estátuas barrocas.

Ricardo segurou-a através das convulsões, acelerando agora, seus próprios quadris batendo contra suas nádegas com um som úmido. Quando ele finalmente se enterrou até as bolas com um rugido abafado, Anna sentiu o calor preenchendo-a, marcando-a como propriedade dele nos jardins que já pertenceram a reis.

Eles ficaram entrelaçados por longos minutos, sua respiração pesada criando nuvens no ar frio. Ricardo limpou-a cuidadosamente com seu lenço de seda antes de abaixar seu vestido, beijando sua nuca suada.

— Amanhã —  ele prometeu, ajudando-a a se recompor — te levo para ser minha rainha no quarto dos espelhos.

Anna sorriu, sabendo que cada noite com Ricardo seria um novo capítulo em seu conto erótico - e Versalhes era apenas mais uma página em seu livro de prazeres proibidos.

O corredor secreto do Petit Trianon cheirava a cera antiga e luxúria, séculos esquecida. Ricardo guiava Anna pela mão, sua pele ainda arrepiada pela brisa noturna dos jardins. Quando a porta dourada se abriu, revelando o lendário *Cabinet des Miroirs*, Anna prendeu a respiração.

O quarto era uma caverna de reflexos proibidos – paredes, teto e até partes do chão cobertos por espelhos venezianos envelhecidos, distorcendo seus corpos em ângulos lascivos. No centro, uma *chaise longue* de veludo carmesim aguardava, suas pernas entalhadas com cenas mitológicas de ninfas sendo possuídas por deuses.

— Luís XV levava suas amantes aqui. — Ricardo sussurrou, mordiscando seu pescoço enquanto suas mãos despiam o vestido preto. — Imagina quantos gritos esses espelhos já refletiram.

Ele a posicionou de pé diante do maior espelho, seu corpo nu refletido infinitamente em todos os ângulos. Anna nunca se vira assim – cada curva, cada doce imperfeição multiplicada em um kaleidoscópio de carne.

— Olha! — ele ordenou, apertando seus seios por trás, os mamilos rosados endurecendo contra o vidro gelado. — Olha como és bela quando te dou prazer.

Seus dedos desceram como uma sentença, encontrando seu clitóris já inchado. Anna gemeu, suas palmas suando contra o espelho quando ele começou a massagear círculos firmes, sua boca sugando a junção entre pescoço e ombro.

Quando a levou para a chaise longue, foi com a violência cerimonial de um sacrifício. Ele a deitou de bruços, suas nádegas ainda sensíveis da noite anterior exibidas para seu próprio olhar nos espelhos do teto.

— *"Quero que você se observe,"* ele rosnou, lubrificando-se com seu próprio desejo ainda escorrendo dela.

A primeira investida foi um fogo lento – Ricardo penetrando seu ânus com uma paciência que beirava a crueldade, cada centímetro avançando enquanto os espelhos mostravam a Anna seu rosto contorcido de dor prazerosa.

— Respira —  ele ordenou, mordendo uma nádega quando finalmente se encaixou por completo.

Quando começou a mover-se, foi para criar um espetáculo – seu corpo bronzeado contrastando com sua pele de porcelana, suas mãos agarrando seus seios no espelho frontal enquanto seu quadril batia contra suas nádegas num ritmo hipnótico.

Anna via tudo:

- Seus lábios entreabertos no espelho da direita
- Seus dedos apertando seus mamilos no reflexo do teto
- O momento exato em que dois dedos dele encontraram seu clitóris no espelho traseiro

O orgasmo veio como um terremoto barroco – seu grito ecoou através das superfícies prateadas, seu corpo contraindo-se em ondas visíveis em todos os ângulos. Ricardo não parou, usando suas contrações para levar seu próprio prazer até o limite, até

que seu jorro branco pintou seus lombos no espelho central como uma assinatura.

Mais tarde, envoltos em um xale roubado de algum monarca, eles observaram o nascer do sol distorcido por vidros antigos. Anna traçava os arranhões que deixara nos espelhos com suas unhas.

— Nunca seremos os mesmos — ela murmurou, sentindo seu corpo marcado em cada superfície.

Ricardo sorriu, lambendo seu ombro salgado:

— O palácio tem outros quartos... E nós temos toda a manhã.

O sol da manhã entrava em frestas douradas pelas persianas do apartamento parisiense, iluminando Anna deitada de bruços na cama de dossel, seu corpo platinado ainda marcado pelas noites de excessos. Ricardo acordou com o cheiro doce de seu desejo no ar, seus olhos verdes escurecendo ao vê-la descaradamente exibida, as pernas ligeiramente abertas, revelando os lábios rosados ainda inchados da noite anterior.

— Alguém está faminto esta manhã — ele murmurou, sua voz áspera de sono fazendo Anna estremecer.

Ela arqueou as costas propositalmente, os seios pesados pressionando o lençol de seda.

— Faminta por você — ela respondeu, os dedos traçando círculos lentos na própria coxa. — Só por você.

Ricardo deslizou para baixo do corpo dela como um devoto prestes a rezar. Suas mãos grandes envolveram suas nádegas, abrindo-a como um livro sagrado. Ele começou com beijos leves na parte interna de suas coxas, cada toque de lábios calculado para deixá-la tremendo. Anna gemeu quando sua respiração quente finalmente alcançou seu sexo, mas ele evitou deliberadamente o clitóris, focando nos lábios externos.

— Ricardo, por favor… — ela suplicou, os dedos se enterrando em seus cabelos.

Ele sorriu contra sua pele, sua língua finalmente dando uma lambida longa e lenta desde a entrada até o clitóris inchado. Anna arqueou como um arco, um gemido escapando de seus lábios.

Enquanto sua língua traçava círculos firmes no clitóris, sua mão deslizou para frente, dois dedos deslizando dentro dela sem aviso. Anna gritou, o espasmo de prazer percorrendo seu corpo como eletricidade.

— Isso... oh Deus, assim mesmo! — ela choramingou, os quadris se movendo contra seu rosto.

Ricardo alternava entre sugar seu clitóris e penetrá-la com os dedos em um ritmo irregular, mantendo-a sempre à beira do orgasmo sem deixá-la cair. Quando acrescentou um terceiro dedo, esticando-a delicadamente, Anna viu estrelas, suas paredes internas contraindo-se em torno dele.

Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Ricardo virou-a de costas, suas mãos agarrando seus quadris enquanto ele se posicionava atrás.

— Quero ver seu rosto no espelho —  ele ordenou, apontando para o grande espelho em frente à cama.

Quando ele entrou nela com um único movimento fluido, Anna viu seu próprio rosto se contorcer de prazer, seus seios balançando com cada impacto. Ricardo curvou-se sobre suas costas, uma mão encontrando seu clitóris novamente, enquanto a outra apertava seus seios, os dedos brincando com os mamilos endurecidos.

— Você é tão linda assim... completamente arrebatada —  ele rosnou em seu ouvido.

O orgasmo a atingiu como um trem desgovernado. Seu corpo arqueou violentamente, os músculos internos contraindo-se em ondas intermináveis em torno dele. Ricardo segurou-a através do turbilhão, prolongando cada espasmo com empurrões precisos, até que seu próprio prazer explodiu em jorros quentes dentro dela.

Eles desabaram juntos, seus corpos suados colando-se no calor da manhã. Ricardo traçava círculos lentos em suas costas, beijando seu ombro com uma ternura que contrastava com a fúria de minutos antes.

Anna sorriu, satisfeita, sabendo que esta era apenas mais uma página em seu livro infinito de prazer - um livro que eles escreveriam juntos, a dois, sem precisar de mais ninguém.

A chuva caía em cortinas prateadas sobre a sacada do apartamento parisiense, onde Anna estava curvada sobre a

balaustrada de ferro forjado, seu corpo nu iluminado pelos relâmpagos que rasgavam o céu noturno. Ricardo pressionava-se contra suas costas, seu membro pulsante deslizando entre suas coxas molhadas pela chuva, mas ainda não concedendo a penetração que ela tanto desejava.

— Você gosta de me ver implorar, não é? — Anna gritou sobre o barulho da tempestade, suas mãos agarrando o ferro gelado enquanto ele mordia seu ombro.

Ricardo respondeu com um movimento lento de quadris, o atrito de sua pele contra seu clitóris inchado fazendo-a gemer alto, seu som perdendo-se no trovão que sacudia a cidade.

Seus dedos desceram como garras, agarrando suas coxas para abri-la mais, expondo-a completamente à chuva fria. Anna estremeceu quando as gotas começaram a bater diretamente em seu clitóris sensível, cada impacto como uma minúscula chicotada de prazer.

— Olha — Ricardo ordenou, virando seu rosto para o espelho embaçado da porta da sacada. — Olha como você brilha.

Ela viu seu reflexo – uma visão úmida e decadente, seus mamilos rubros endurecidos pelo frio, seus lábios íntimos inchados de desejo, e atrás dela, Ricardo, moreno e dominador, suas mãos escuras contrastando com sua pele iluminada pelos lampiões da rua abaixo.

Quando ele finalmente a penetrou, foi com a força de um raio – um único movimento que a fez gritar para os telhados de Paris. Seus quadris batiam contra suas nádegas com um som úmido

que rivalizava com a chuva, suas bolas pesadas colidindo com seu clitóris a cada investida.

Anna agarrou-se à balaustrada, seu corpo curvado como um arco, sentindo a água escorrer pelo vale de suas costas, misturando-se com o suor de Ricardo. O orgasmo surgiu como a própria tempestade – violento, inesperado, arrancando-lhe um grito que ecoou entre as fachadas *Haussmannianas.*

Mais tarde, envoltos em robes de seda chinesa e o cheiro de ozônio, Ricardo a levou para diante da lareira acesa. Uma garrafa de óleo de jasmim e patchouli esperava sobre a mesa de mármore.

— Minha vez de cuidar de você —  ele sussurrou, derrubando-a suavemente sobre os travesseiros de pele.

Seus dedos mergulharam no óleo morno antes de deslizarem pelo seu corpo como serpentes sedosas. Começou pelos pés, pressionando pontos que a fizeram gemer, subindo pelas panturrilhas com movimentos que alternavam entre firmeza e carícias.

— Você guarda tensão aqui —  ele murmurou, encontrando o músculo atrás de suas coxas, fazendo-a estremecer quando sua mão escorregou para o interior úmido que ainda pulsava da sacada.

Quando alcançou suas costas, foi com as palmas abertas, espalhando o óleo entre suas omoplatas antes de descer pela coluna em movimentos que pareciam extrair toda a tensão do mundo. Anna suspirava, seu corpo derretendo sob suas mãos, até que ele a virou suavemente.

O óleo escorreu entre seus seios, e Ricardo inclinou-se para lambê-lo, seus dentes roçando nos mamilos já super sensíveis. Sua mão direita continuou a jornada descendente, misturando o óleo com sua umidade natural enquanto dois dedos deslizavam dentro dela com uma torturante lentidão.

— Ricardo... eu vou…

— Não ainda —  ele ordenou, substituindo os dedos pela língua, saboreando a mistura de jasmim e seu próprio sabor.

Quando finalmente permitiu que ela chegasse ao orgasmo, foi com três dedos dentro dela e a língua no clitóris, enquanto a chuva batia nas janelas como aplausos distantes. Anna arqueou-se completamente fora dos travesseiros, seu grito abafado pelo rugido da tempestade que renascia lá fora.

Envoltos no calor da lareira, seus corpos brilhantes de óleo e paixão, Ricardo puxou-a contra seu peito.

— Amanhã, —  ele prometeu, enquanto suas mãos deslizavam por seu corpo como se fosse a primeira vez — te levo para reclamar seu trono no *Moulin Rouge*.

Anna sorriu contra sua pele, sabendo que Paris nunca mais seria a mesma – cada chuva, cada espelho, cada canto escuro agora carregaria a memória de como um homem transformara uma ninfomaníaca virgem em uma deusa do prazer.

O *Moulin Rouge* ardia em luzes âmbar e vermelhas, o ar pesado com o cheiro de absinto e perfume barato. Anna usava apenas um corset de cetim negro que elevava seus seios a obscenas

alturas, as ligas negras contrastando brutalmente com sua pele de porcelana. Ricardo, em um fraque que cheirava a tabaco caro e poder, apertava sua cintura com possessividade, seus olhos verdes brilhando mais que os lustres de cristal.

— Esta noite — ele sussurrou, seus lábios queimando sua nuca — você não será minha esposa. Será minha puta.

O champagne na garganta de Anna transformou-se em fogo.

Ele a puxou para um camarim de cortina de veludo, onde as paredes tinham testemunhado mil pecados. Seus dedos encontraram o fecho do corset com expertise de carrasco.

— Não — ele ordenou, quando ela tentou ajudar. — Quero ver você sofrer por cada centímetro.

O tecido cedeu lentamente, revelando seus seios já marcados por suas mordidas da noite anterior. Quando seus dedos mergulharam nas meias de seda, encontrando a umidade que já encharcava suas ligas, Anna gemeu como as cantoras no palco principal.

No corredor escuro que levava aos banheiros VIP, Ricardo a empinou contra uma parede coberta por espelhos manchados. Seu vestido foi levantado como cortina de teatro, revelando que sob as ligas não havia absolutamente nada.

— Eles podem nos ver — Anna suspirou, observando no espelho um grupo de diplomatas russos passando a dez metros de distância.

Ricardo respondeu enfiando três dedos em sua boca para silenciá-la enquanto o outro hand explorava seu sexo inchado.

— Quero que vejam —  ele rosnou. — Quero que todos saibam que esta cadela pertence a mim.

Quando ele a penetrou por trás, foi com uma violência que fez seus mamilos roçarem no espelho sujo, cada impacto ecoando pelo corredor como os passos do cancan acima deles.

Mas foi no camarote privativo, com vista para todo o salão principal, que Ricardo completou sua humilhação sagrada.

— De quatro. Agora.

Anna obedeceu, suas mãos agarrando as grades douradas enquanto ele montava-a como um animal, seu corpete aberto balançando para a plateia invisível abaixo. Os espelhos no teto refletiam cada detalhe:

- A distorção de prazer em seu rosto
- O modo como seus seios se moviam como líquido
- O momento exato em que ele puxou seus cabelos para trás, forçando-a a encarar sua própria decadência

Quando o orgasmo os atingiu, foi ao som de mil palmas para as dançarinas no palco – aplausos que Anna delirou serem para eles, para o espetáculo obsceno que Ricardo fazia dela.

Na carruagem a caminho do hotel, ele limpou suas coxas tremulas com um lenço de seda monogramado antes de enfiá-lo em sua boca.

— Guarde nosso segredo —  ele ordenou, enquanto o tecido absorvia seu gosto misturado com champanhe.

Anna sorriu, sabendo que o *Moulin Rouge* agora era dela – outro palco onde Ricardo a ensinara a mais uma forma de prazer. E amanhã... amanhã haveria outro.

A luz do crepúsculo entrava suja pelos vitrais quebrados do ateliê abandonado em Montmartre, onde os grandes mestres do século XIX costumavam pintar suas modelos em poses sacrílegas. Anna estava nua sobre uma chaise longue de velho veludo verde, seu corpo platinado manchado de tinta carmesim e óleo de lampião, enquanto Ricardo ajustava a câmera obscura que projetaria sua imagem na parede oposta.

— Os artistas vinham aqui para desenhar mulheres como você — ele explicou, seus dedos sujos de carvão traçando os contornos de seus seios no ar. — Mas nenhuma era tão depravada quanto minha esposa.

Ele a colocou de joelhos, com as nádegas voltadas para a lente, suas mãos amarradas às pernas da mobília com fitas de seda.

— Assim os pintores viam suas modelos — ele sussurrou, espalhando óleo de amêndoas entre suas nádegas com a ponta de um pincel de marta. — Mas só eu te vejo assim.

O pincel deslizou para frente, encontrando seu clitóris inchado, pintando-o com cuidado obsceno. Anna gemeu, tentando esfregar-se contra o veludo, mas as amarras mantinham-na imóvel.

Ricardo posicionou-se atrás, seu membro endurecido pela cena, mas em vez de penetrá-la, começou a usar os dedos.

— Um artista precisa estudar sua modelo —  ele murmurou, enquanto dois dedos entravam nela pela frente, seu polegar massageando o óleo em seu ânus.

Anna gritou quando ele começou o movimento de tesoura dentro dela, os dedos esticando suas paredes de modo que ela podia sentir cada veia, cada dobra interna. No teto, a câmera obscura projetava sua imagem distorcida - uma visão barroca de carne e desejo.

Foi quando acrescentou o terceiro dedo que ela começou a cair. Ricardo via tudo no reflexo do espelho sujo:

- Seus lábios entreabertos pingando saliva
- Seus mamilos tão duros que doíam
- O momento exato em que seus músculos internos começaram a ceder

Quando seu orgasmo a atingiu, foi com a força de um dilúvio - seu corpo arquejou violentamente contra as amarras, um jato feminino espirrando no veludo antigo. Ricardo não parou, seus dedos agora enfiados até os nós, esfregando aquele ponto interno que a fazia ver estrelas.

— Olha —  ele ordenou, forçando sua cabeça para ver a projeção na parede. — Olha como és bela quando te destroço.

Só então ele a penetrou, sua entrada já relaxada pelos dedos, mas ainda apertada o suficiente para fazer seus olhos verdes escurecerem de posse. Cada embate era calculado para esfregar através da parede fina, estimulando seu clitóris já supersensível.

Quando ele finalmente gozou, foi com os dentes cravados em seu ombro, suas sementes quentes misturando-se com os óleos na pele dela. A imagem na parede tremeluziu quando eles caíram juntos, um borrão de membros entrelaçados e suor.

Mais tarde, enquanto ele a limpava com um trapo sujo de tinta, Anna viu seu reflexo num espelho quebrado - o corset desfeito, as marcas de dentes em suas coxas, os cabelos platinados emaranhados de carvão e outras coisas.

Ricardo beijou sua nuca marcada:

— Amanhã te levo ao teatro abandonado onde Oscar Wilde assistia atos impuros.

Anna sorriu, sabendo que Paris continuaria a revelar seus segredos - e seu corpo continuaria a ser o caderno onde Ricardo os registraria.

O vapor espesso enrolava-se como serpentes ao redor dos corpos nus que atravessavam os salões subterrâneos dos banhos turcos secretos de Paris. Ricardo guiava Anna por corredores de mármore negro, suas mãos marcando possessão na cintura dela – fina demais para o corset de couro que usava, seu único traje naquele lugar de pecado.

— Aqui os diplomatas trazem quem não pode ser visto em público — ele sussurrou, seus lábios queimando seu ouvido enquanto passavam por cortinas de pérolas que escondiam cenas de luxúria.

Anna sentia o olhar de estranhos em sua pele, mas só importava o fogo verde nos olhos de Ricardo quando a levou para a sala circular dos *hamam* privativos.

A luz dos lampiões de óleo filtrada pela água refletia padrões dourados em seu corpo quando ele a despia. O couro do corset cedeu com um estalo, revelando seus seios marcados pelos dias anteriores – mordidas roxas, arranhões delicados, a pele ainda brilhante dos óleos do ateliê.

— De joelhos — Ricardo ordenou, apontando para a fonte de mármore no centro.

A água escorria quente sobre seus ombros quando ele começou a lavá-la com sabão de âmbar, suas mãos ásperas de guerreiro contrastando com a espuma sedosa. Anna fechou os olhos, sentindo os dedos dele descerem por sua coluna até as nádegas, onde se demoraram em movimentos circulares.

— Abre — ele ordenou, e ela separou as coxas, oferecendo-se à água e às suas mãos.

Na banheira central, onde a água borbulhava com óleos de patchouli e rosas negras, Ricardo posicionou-se atrás dela. Seus dedos encontraram seu clitóris sob a água, massageando enquanto sua boca mordiscava o pescoço dela.

— Sabe por que os sultões levavam suas concubinas aos hamams? — ele perguntou, inserindo dois dedos nela com um movimento fluido. — Porque a água quente deixa a carne... mais sensível.

Anna arquejou quando ele encontrou o ponto perfeito, seus músculos contraindo-se em torno dos dedos. A água amplificava cada sensação, cada toque como uma corrente elétrica.

Ele a levou até a plataforma de mármore aquecido, onde o vapor envolvia seus corpos em névoa.

— De bruços —  ele ordenou, espalhando óleo de sândalo em suas costas.

Anna obedeceu, sentindo suas mãos deslizarem por sua pele como garras revestidas de veludo. Quando sua língua percorreu o vale entre suas nádegas, ela enterrou os dedos nas toalhas turcas.

— Ricardo... ali... por favor...

Ele não tinha pressa. Sua língua era um instrumento de tortura divina – círculos lentos, depois pressão linear, depois a ponta dançando no local mais proibido. Anna gritou quando ele finalmente a penetrou ali, sua língua mergulhando fundo enquanto seus dedos continuavam a brincar com seu clitóris.

Quando ele a virou, seu rosto estava molhado – de vapor, de água ou de lágrimas de prazer, ela não sabia. Ricardo posicionou-se entre suas pernas, seu membro pulsante à flor da pele.

— Olha em meus olhos —  ele ordenou, entrando nela com um movimento fluido que fez a água transbordar.

Os espelhos embaçados ao redor refletiam suas formas distorcidas – ela envolta em vapor como uma fantasma, ele moreno e sólido como as estátuas que guardavam o lugar.

O orgasmo veio como a maré – lento no início, depois arrasador. Anna viu seu próprio rosto se contorcer nos espelhos quando ele a levou ao limite, seus dedos apertando seus mamilos com a força exata entre dor e prazer.

Quando finalmente explodiu, Ricardo segurou-a contra seu peito, seus próprios gemidos abafados em seus cabelos molhados.

Na carruagem de volta, envolta em sedas orientais, Anna traçava as novas marcas em seu corpo – os arranhões do mármore, as queimaduras do vapor, as digitais roxas em seus quadris.

Ricardo beijou seu pulso, onde o banho turco havia lavado tudo, exceto seu cheiro misturado nele.

A chuva fina de Paris batia contra as janelas do hotel enquanto Ricardo empurrava Anna contra a parede de mármore do chuveiro, o vapor já envolvendo seus corpos como um véu de pecado. A água escorria em rios prateados por seu corpo platinado, realçando cada curva, cada cicatriz roxa de suas noites de luxúria.

— Você ainda cheira a sândalo e sexo — ele rosnou, enterrando o rosto no pescoço dela enquanto suas mãos desciam para agarrar suas nádegas com força.

Anna arquejou quando seus dedos encontraram o local ainda sensível daquela tarde, seu ânus levemente inchado dos abusos nos banhos turcos.

Ricardo virou-a de frente para o espelho embaçado, seu corpo pressionado contra o vidro quente.

— Olha para você — ele ordenou, uma mão enlaçando seus cabelos molhados enquanto a outra descia para brincar com seu clitóris sob a água. — Olha como você fica quando te preparo.

Seus dedos trabalhavam com expertise cruel – um dedo circulando a entrada, lubrificado pelo sabão francês de violetas, enquanto o polegar massageava seu clitóris inchado. Anna tentou esfregar-se contra ele, mas ele a manteve imóvel, seus quadris presos contra o mármore.

— Não tão rápido, minha gulosa — ele murmurou, inserindo apenas a ponta do dedo.

Quando finalmente penetrou seu ânus com dois dedos, foi com uma rotação lenta que fez seus joelhos tremerem. Anna viu no espelho como seu rosto se contorcia – boca entreaberta, olhos semicerrados, os seios esmagados contra o vidro.

— Assim... oh Deus, assim! — ela gritou, suas mãos escorregando no mármore molhado.

Ricardo acelerou os dedos dentro dela enquanto sua outra mão apertava seus seios, os dedos torcendo os mamilos até ela gemer de dor e prazer. A água quente escorria sobre seus corpos, misturando-se com o suor, com o sabão, com a umidade que já escorria por suas coxas.

Ele tirou os dedos subitamente, substituindo-os pela cabeça de seu membro pulsante. Anna viu no espelho como ele a penetrava – milímetro por milímetro, até que suas nádegas colidissem com seus quadris.

— Toda minha — ele rosnou, uma mão em seu pescoço, a outra massageando seu clitóris no ritmo de suas investidas.

O vapor, a água quente, a pressão perfeita dentro e fora dela – Anna sentiu o orgasmo se aproximando como um trem desgovernado. Quando ele mordeu seu ombro ao mesmo tempo que seus dedos apertavam seu clitóris, ela explodiu, seu grito ecoando no box acústico, seu corpo contraindo-se em ondas violentas em torno dele.

Ricardo segurou-a através do turbilhão, prolongando cada espasmo com empurrões precisos, até que seu próprio prazer jorrou dentro dela em jatos quentes que a água levou embora imediatamente.

Eles ficaram entrelaçados sob a chuva dourada do chuveiro, seus corpos ainda tremendo de prazer. Ricardo beijava sua nuca marcada, suas mãos traçando círculos de posse em seus quadris.

Anna sorriu contra o espelho embaçado, sabendo que cada noite com Ricardo era uma nova lição de prazer – e ela, sua aluna mais devota.

O apartamento parisiense de Ricardo estava envolto em sombras douradas, iluminado apenas pelas luzes da *Torre Eiffel* que cintilavam através das janelas abertas. Anna estava deitada de bruços na cama king-size, seu corpo platinado brilhando sob o suor, as marcas de suas noites de luxúria ainda visíveis em sua pele.

Ricardo, de pé aos pés da cama, observava-a com olhos verdes ardentes, seu corpo musculoso delineado pela penumbra.

— Hoje, não sairemos deste quarto — ele declarou, sua voz rouca como seda rasgada.

Anna sorriu, rolando de costas e abrindo as pernas lentamente, revelando-se completamente para ele.

— Então me prova — ela desafiou, os dedos traçando círculos em seus próprios mamilos. — Mostra que não precisamos de Paris quando temos estas quatro paredes.

Ricardo pegou as longas tiras de seda vermelha que estavam sobre a cadeira.

— Estende os braços — ordenou.

Anna obedeceu, e ele amarrou seus pulsos às colunas da cabeceira da cama, os nós firmes, mas não dolorosos. Seu corpo arqueado formava uma curva perfeita, seus seios convidativos, seu sexo já úmido de antecipação.

Ele começou com os lábios.

Seus beijos desceram por seu pescoço, mordiscando a clavícula, antes de se deterem em seus seios. A língua dele circulou um mamilo, depois o outro, sugando-os até eles ficarem inchados e sensíveis. Anna gemeu, tentando arquear-se contra ele, mas as amarras a mantinham imóvel.

— Ricardo... por favor… — ela suplicou.

— Não tão rápido — ele respondeu, sua mão deslizando por seu abdômen até encontrar seu clitóris.

Seus dedos trabalharam com uma lentidão excruciante, massageando, acariciando, mas nunca dando o alívio que ela tanto desejava. Quando ele finalmente desceu, substituindo os dedos pela língua, Anna gritou, seus quadris levantando-se da cama.

— Não! — ele ordenou, dando um tapa suave em sua coxa. — Fica quieta.

Ela gemeu, mas obedeceu, sentindo sua língua explorando cada dobra, cada centímetro de seu sexo, até que o orgasmo a atingiu como um raio, seu corpo tremendo sob as amarras.

Na noite seguinte, Ricardo a posicionou de joelhos diante do grande espelho em frente à cama.

— Olha para você — ele ordenou, suas mãos agarrando seus seios por trás, os dedos apertando seus mamilos. — Olha como você fica quando te toco.

Anna via seu próprio rosto se contorcer de prazer, seus lábios entreabertos, seus olhos escurecidos de desejo.

Ele a penetrou por trás em um único movimento fluido, suas mãos segurando seus quadris com força. Cada embate era calculado para esfregar naquele ponto perfeito dentro dela, enquanto ela se observava no espelho, vendo seu corpo ser tomado pelo prazer.

— Você é minha — ele rosnou, seus dentes cravando em seu ombro. — Só minha.

Quando o orgasmo a atingiu, foi com uma força avassaladora, seu grito ecoando pelo quarto, seu corpo contraindo-se em torno

dele como um punho. Ricardo segurou-a firme, prolongando cada onda de prazer, até que seu próprio clímax a preencheu completamente.

Na terceira noite, Anna assumiu o controle.

Ela empurrou Ricardo contra a cama, amarrando suas mãos às grades de ferro com as mesmas tiras de seda.

— Minha vez — ela sussurrou, sua boca percorrendo seu peito, seus dentes roçando seus mamilos.

Ele gemeu quando ela desceu, sua língua traçando o caminho até seu membro pulsante. Ela o envolveu com os lábios, sugando com uma mistura de inocência e devassidão que o fez rosnar.

— Anna...

— Silêncio — ela ordenou, acelerando o ritmo, suas mãos brincando com suas bolas.

Quando ele estava à beira do orgasmo, ela parou, substituindo a boca pelos dedos, massageando-o até ele implorar.

— Por favor!

Só então ela o penetrou, montando-o com movimentos lentos e calculados, seus seios balançando diante dele, seu corpo um espetáculo de prazer.

Quando ambos alcançaram o clímax, foi com um grito sincronizado, seus corpos se fundindo em um só.

Na manhã seguinte, envoltos em lençóis desfeitos, Ricardo beijava seu ombro marcado.

— Paris pode ter mil maravilhas —  ele murmurou — mas nenhuma se compara a você.

O jato particular de Ricardo cortava as nuvens sobre o Atlântico, levando-os de volta para casa após semanas de luxúria em Paris. Anna estava sentada no sofá de couro, vestindo apenas a camisa aberta do marido, seus cabelos platinados desarrumados, as pernas descaradamente abertas.

Ricardo observava-a de frente, seu olhar verde escuro como esmeraldas sob o sol da tarde que entrava pela janela do avião.

— Alguém está ansiosa para chegar em casa — ele comentou, os dedos traçando a borda da camisa que mal cobria suas curvas.

Anna sorriu, lambendo os lábios.

— Mal posso esperar para você me receber adequadamente em nossa própria cama — respondeu, seu pé descalço subindo pela perna dele.

A mansão à beira-mar parecia diferente agora – não apenas um lar, mas um palácio de possibilidades eróticas. Anna caminhou pelo hall de entrada, seus saltos altos ecoando no mármore, sentindo o olhar de Ricardo queimando suas costas.

— Achou que eu não notaria? — ele perguntou, aproximando-se por trás, suas mãos agarrando seus quadris. — Você não está usando calcinha.

Ela riu, virando-se para enfrentá-lo.

— Você me proibiu, lembra? No elevador do hotel em Montmartre.

Seus lábios se encontraram com fúria contida, as semanas de paixão em Paris tendo apenas alimentado o fogo entre eles.

Ricardo a levou até o quarto principal – agora redesenhado com espelhos no teto e cortinas pesadas de veludo. Uma cama redonda, enorme, dominava o espaço, com colunas que lembravam as do apartamento parisiense.

— Você redecorou — ela observou, os dedos passando pelo couro macio da cabeceira.

— Para nossas... necessidades — ele respondeu, deslizando o vestido dela pelos ombros.

Ricardo a deitou de bruços na cama, seus lábios percorrendo sua coluna enquanto suas mãos amarravam delicadamente seus pulsos às colunas.

— Você me pertence, Anna —  ele sussurrou, sua voz um comando. — Em Paris, em casa, em qualquer lugar.

Seus dedos encontraram seu sexo já molhado, massageando com uma paciência que a deixou louca. Quando ele finalmente a penetrou, foi com uma força que a fez gritar, seus quadris batendo contra os dela, suas mãos segurando seus seios com possessividade.

O orgasmo foi avassalador – como se todas as noites em Paris tivessem sido apenas um ensaio para este momento, em seu próprio quarto, em sua própria cama.

Na manhã seguinte, envoltos em lençóis de seda, Ricardo beijou seu ombro marcado.

— Ainda há tantos cômodos nesta casa para explorarmos — ele murmurou, seus dedos desenhando círculos em sua coxa.

Anna sorriu, sabendo que sua jornada de prazer estava longe de terminar. Paris havia sido apenas o começo. Agora, em seu próprio lar, eles escreveriam infinitos capítulos de luxúrias sexuais com infindáveis noites e manhãs de doce prazer extremo.